

CAPRICÓRNIO

TEMPO DE ANGÚSTIA

POR

ALBERTO DE OLIVEIRA

15

LUCIO LARA

CADERNOS CAPRICÓRNIO

DIRECÇÃO DE ORLAURO DE ALBUQUERQUE

CADERNOS CAPRICÓRNIO

**destinam-se a revelar e a divulgar
temas e autores do mundo tropical
de expressão portuguesa.**

- 1 — UM GRANDE NEGÓCIO — Orlando de Albuquerque
- 2 — A BOLA E A PANELA DE COMIDA — Benedita — esgotado
- 3 — TEMPO DE FICHO — João Rocha
- 4 — A ÚLTIMA NARRATIVA DE YAVO KIALA — Antunes Van-Dunen — esgotado
- 5 — PERSEGUIÇÃO — Maria Emilia Rôty
- 6 — DESTERRO DE MIM — Lúcia Salazar
- 7 — O CASAMENTO DE GINEZOS ENTRE OS ZAMBES — Maria Helena de Figueiredo Lima
- 8 — RECALDO PARA DEOLINDA — Afonso Miranda
- 9 — CRÓNICA DO GHETTO — David Mendiz
- 10 — UM CERTO GOSTO A TAMARINDO — Amaro Monteiro
- 11 — O FILHO DE ZAMBI — Orlando de Albuquerque
- 12 — TEMPO DE ANGSTIA — Alberto de Oliveira

ARQUIVO DE OTREBELLA

- O LOBITO -
CAPRICÓRNIO

CADERNOS CAPRICÓRNIO

DIRECÇÃO DE ORLANDO DE ALBUQUERQUE

PUBLICADO :

- 1 — UM GRANDE NEGÓCIO — Orlando de Albuquerque
— 2.ª edição — esgotado
- 2 — TEMPO DE CHUVA — Alda Lara — esgotado
- 3 — IRMÃ HUMANIDADE — Jorge de Macedo — esgotado
- 4 — FILIPE CABEÇA DE PEIXE — Manuel Ferreira — esgotado
- 5 — A BOLA E A PANELA DE COMIDA — Benúdia — esgotado
- 6 — TEMPO DE CICIO — Jofre Rocha
- 7 — A ÚLTIMA NARRATIVA DE VAVÓ KIALA
— Aristides Van-Dunen — esgotado
- 8 — PERSEGUIÇÃO — Maria Emília Roby
- 9 — DESTÊRRO DE MIM — Lygia Salema
- 10 — O NASCIMENTO DE GÉMEOS ENTRE OS «AMBÓS»
— Maria Helena de Figueiredo Lima
- 11 — RECADO PARA DEOLINDA — Afonso Milano
- 12 — CRÓNICA DO GHETTO — David Mestre
- 13 — UM CERTO GOSTO A TAMARINDO — Amaro Monteiro
- 14 — O FILHO DE ZAMBI — Orlando de Albuquerque
- 15 — TEMPO DE ANGÚSTIA — Alberto de Oliveira

« O LOBITO »
CAPRICÓRNIO

C. P. 364 LOBITO
ANGOLA

CADERNOS CAPRICÓRNIO

TEMPO DE ANGÚSTIA

ALBERTO DE OLIVEIRA

LOBITO, 1974

CADERNOS CARRICÓRNIO
DIREÇÃO DE ORLANDO DE ALBUQUERQUE

ALBERTO ESTIMA DE OLIVEIRA nasceu em Lisboa em 1934, tendo vindo para Angola em 1957, onde reside desde então.

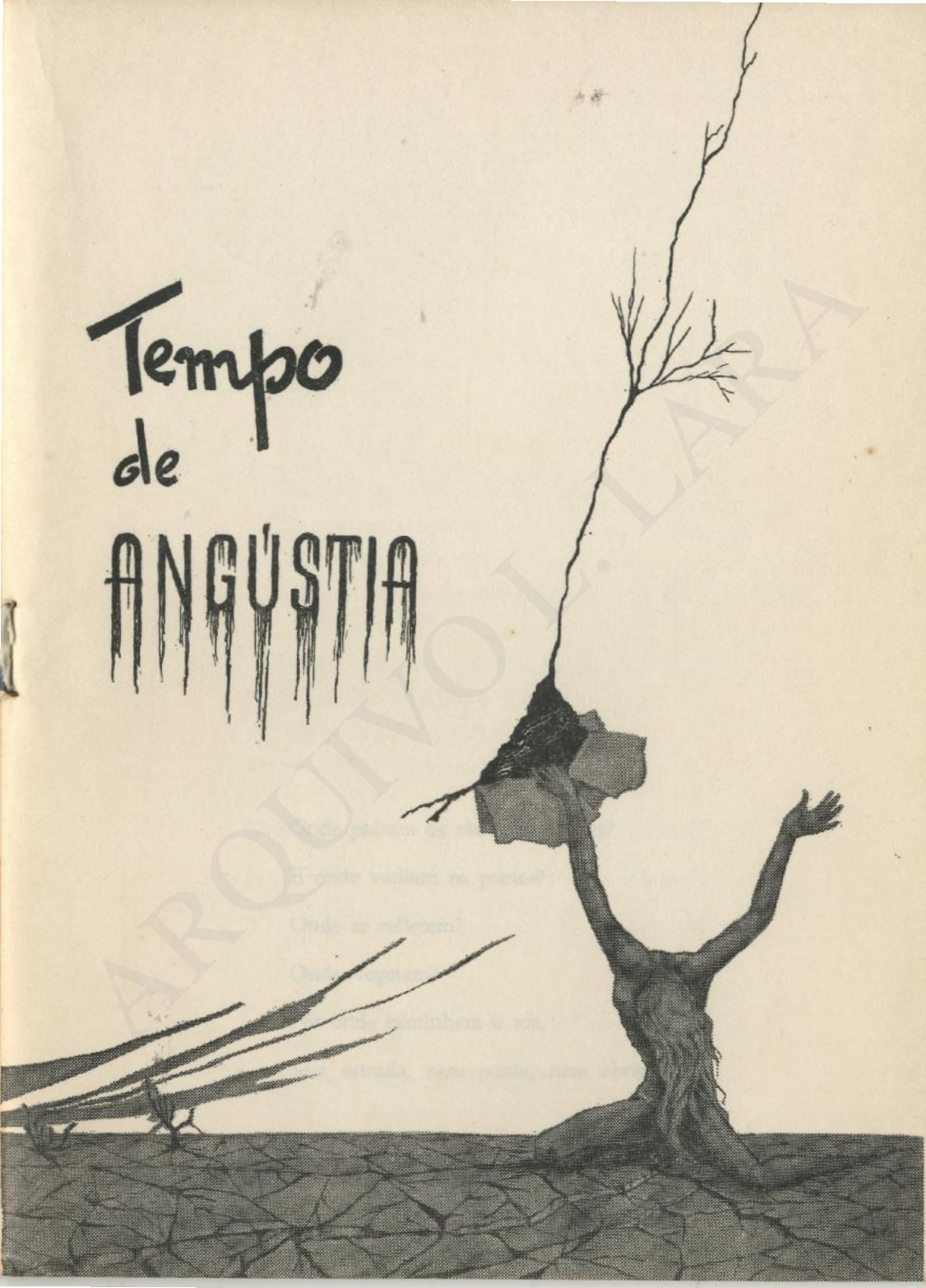
Foi, durante vários anos, gerente de uma Fazenda agrícola na região do Quissange-Bocoio. Presentemente é profissional de Seguros, profissão que já exercera na Metrópole.

Reside actualmente no Lobito.

Toda a sua poesia tem estado, até agora, praticamente inédita, à excepção de alguns poemas publicados em 1972 em «Vector».

Ilustração de JOÃO MÁRIO

Tempo
de
ANGUSTIA



Página aberta,
Página branca, indefinida e leve
Espaço vago-cusante,
Vista ampla de neve,
Onde paira meu espírito exante.

Longa viagem de pedras e saingites,
Horizonte distante e abafado
Vagueio
Alargando os passos monótonos.

Onde pairam os cânticos celestes?

E onde vadiam os poetas?

Onde se refletem?

Onde vegetam?

Por onde caminham à toa,

Sem estrada, nem ponte, nem abrigo?

Nem sombra, nem claridade no que me rodeia;

Nem dôr nem sofrimento existe

No meu coração despedaçado pela noite.

Nada, nenhuma realidade

Senão a morte!

Página aberta,
Página branca, indefinida e leve;
Espaço vago-ausente,
Vasto campo de neve,
Onde paira meu espírito doente.

Longa savana de pedras e salgueiros,
Horizontes distantes e abafados
Vagas de mares encapelados
Atroando os passos mensageiros.

Vinde a mim etéreos pensamentos,
Justificai a alma que me destes
E retirai da estrada os sofrimentos,
Que tão cedo me oferecer quizesdes!

Cheio de sinais está o espaço claro:
Nomes na neve,
Página branca, indefinida e leve!

Terei Paz

Depois do sacrifício

Ou voltarão as dúvidas?

Serei vida

Ou enxerto de memória

No ciclo do vício?

Haverá resposta

No sangue derramado

Da incoerência,

Ou seremos

o estrume da existência?

Hei-de ir ao mar!
Em barco veloz
Hei-de velejar...

Sentirei na minha bôca
O sal das espumas brancas,
E o meu corpo ficará escuro do Sol,
Gretado do salitre
Mas puro como uma gaivota
Saída das falésias.

Hei-de viajar os continentes
E conhecer os céus e o mar profundo,
As ilhas encantadas,
E o fim do mundo...

Serei célula viva do Nordeste
Que encherá as velas da barçaça;

Serei monstro e fantasma,
Furioso e agreste,
e farei tempestades.

No meu sonho de doido...
Serei homem do mar,

O Timoneiro!
De face rude e grave

— Mas nunca o capitão da minha nave.

Tirem-me tudo,
As vestes que me cobrem
E a capa translúcida da minha alma pura.
Tirem-me da frente tudo,
Mas deixem ficar o copo
Onde recordo a beleza do teu olhar magnífico
E sorvo o veneno do meu corpo.

O barulho monótono e cansado
do motor, que gerou a energia do dia,
Sumiu-se na amplitude da planície deserta
Onde se divertiam os gigantes.

Sorriam as flôres e as árvores
Num murmúrio de folhagem rebatida,
Enquanto as águas planas que corriam suaves,
Refletiam a desordem das nuvens serenas.

A calma era perene de silêncio,
Os morros transmitiam o calor da tarde
Que se acumulara nas brechas do granito,
E as almas ensonadas dormiam por destino.

O trovão ao longe falou sozinho
E o ar iluminou-se por instantes,
Desenhando um perfil de fantasma
Que se debatia em convulsões.

Na hora amarga da agonia,
Não permitirei que chorem meu destino,
Nem que reclamem dos fados,
Pois não esquecerei a lama do meu corpo.

Sómente cederei ao meu instinto
Feroz, selvagem e louco...

Nessa hora de desespero
Em que meu punho pára,
Parará o rio do meu espírito;
E eu assistirei à derrocada,
Do alto das minhas ideias.

As pontes cairão
E a mata será archote enorme
Repleta de fogo!

O fumo que se volatiza,
E se entranha nas narinas dos homens,
Será a esperança de um poeta!

Vou comprar tintas classificadas
E descobrir as cores
P'ra conhecer o mundo;

Até agora só conheci o negro
Ou o cinzento escuro, indefinido
Da existência limitada,
Do trabalho exausto!

Vou dedilhar a minha cítara,
Ou soprar descontraído,
Em quimérica flauta,
Como fauno enlouquecido.
Vou tentar
Abandonar a minha rigidez
De pessoa ocupada
E encarar o nada.

Deixarei de pensar
E de escrever na primeira pessoa,
Saboreando o cognome
Que depois inventar
Para o meu ego;

Serei sómente hipótese
Desinteressado e cego.

Sinto torpor na alma
E cansaço nos meus olhos
Feitos de saudade,
Sinto o corpo flácido,
Minado pelo tédio,

Anseio a vida, o espaço,
Um tempo definido
Que me enraize à terra,
calando o pôr do sol
Que sinto aproximar.

Sinto o vazio,
O sôno e a indiferença,
Sinto ainda o amor
Que me incita a lutar;

Sinto às vezes o ódio
de não poder gritar,
Construindo no Céu
Um mundo mais sincero,
Sem vingança nem rancôr.

Quando os braços
Ficam pregados ao corpo
E a mente vagueia sem rumo,
Sonolenta e instável,

Os actos são vulgares,
Voláteis como fumo,
Desfeitos pelo vento

...

Quando a aurora chega
E tudo é baço,
Os membros sêcos
Vergados ao cansaço,

Os actos são vulgares
E a mente cega...

Estou calmo porque esqueci tudo
Mesmo até o riso das crianças
Que há pouco me chamavam pelo nome
Contentes do meu afecto simples.

Não reparo sequer na dor
Que na minha alma se tornou doce prazer,
Nem tão pouco que sou gente,
Tão doido como os outros por viver.

Estou só, resignado e confrangido...

Como bendigo às vezes o meu cérebro

Cansado de silêncio

E sofrimento.

Como anseio a hora esperada

Deste paradoxo.

De mim esquecido

a mim mesmo recordando...

Viver, existir,
Esquecer a obrigação,
Não pensar, ser nu,
Ser espécie zoológica
Sem consciência
Ser Vida.

Esquecer o amplexo do ódio,
e amar sòmente,
Ser louco e irreverente.

Esquecer as formas definidas
e adquirir outras,
Irreais, transcendentés... evoluídas.

Quando soar a hora do silêncio,
Já estarei longe,
Afastado e talvez esquecido
Do mundo de violência.

Quando chegar a hora,
Só restará de mim
Um tronco grotesco e ressequido
Em forma de embondeiro.

Não terá côr,
Nem raiz,
Nem sequer uma flor
Existirá no fim.

...

Depois da tempestade,
Com o calor da terra
Voltarei!

Vivo para uma ideia
Com o concreto da minha paixão terrena.

Sei que tudo à minha volta é mar,
Que as vagas se soltam e evaporam
E que a terra que piso jamais criará flores.

...
Tudo o que para além de mim mesmo se atrofia,
É o meu complexo próprio.

Desenhou no espaço branco,
Com imaginação,
Um traço sem sentido
E deu-lhe vida:

Era uma flôr, um cão,
Um automóvel
subindo uma longa avenida.
Uma imagem de romance,
Um desejo de criança,
Inédito
No grito que lançou.

Uma menina desenhando
Traços rápidos e confusos
Nas folhas de calendário.

Uma vida chorando
Os dias ultrapassados,
Perdidos, sem madrugada!

Ontem, na confusão do acabar o dia,
Senti o vazio de um jardim sem crianças,
Só com flôres abandonadas.

Senti a nostalgia do recolhimento,
O vácuo social do nosso tempo.

Num jardim sem conforto,
Mas cheio de flores,
Não se ouviam canções de giroflé.

Sózinho, no banco de pedra,
Senti-me pedra do mesmo banco.

Eles não têm amor nos olhos,
Só têm vagas de sobressalto
E de prazer erótico.

São belos e horríveis
No seu êxtase
Inconformista.

Está longe,
Sózinho, distante,
Isolado,
Burguês,
Inquieto.

Está perto,
Sózinho, distante,
Sózinho.

Sem nome,
Cobarde,
Sem fala,
Fantasma,
Incolor,
Imbecil,
Sem dôr
nem lugar.

Isolado,
Sem ar,
Perfumado.

Só Cheiro,
Só Fel
Só mar alterado.
Só terra,
secando,
Sem chuva,
sem pão,
Amor ou perdão.

Ideal sem ideias,
Messias da fome,
Certezas amargas,
Vorazes sem nome.

Doentes, defuntos,
Sózinhos distantes,
Alarves, altivos,
Chorando, chorando...

Ontem vi António chorando,
Maria o consolava.

O filho sujo e roto observava.

António estava ébrio,
Maria ainda não.

O filho sujo e roto chorava.

António já está velho,
Maria já morreu
e o filho já cresceu

— É António Maria, está na tropa.

António morreu.

António Maria vai à guerra,
tem sorte, perdeu um braço.

Hoje, vi António Maria chorando
Ébrio, sem consolo,

Sem filho, sujo e roto.

Vi vazio nos teus olhos,
feitos de dor sofrimento
Vi rugas feitas de auroras
que nunca chegastes a vêr
Vi noites de breu esquecidas
de madrugadas distantes
que em teus sonhos apareciam.
Vi a foz de um rio largo
de águas castanhas e frias
transformar-se em charco enorme
de sangue dos inocentes.

Tudo isto eu vi senti
num pesadelo disforme
Que em vão pretendo esquecer
mergulhando em solidão.

Olho para ti e olvido
êsse vazio profundo
da miséria em que tu vives
e peço para ti clemência
à Natureza e aos homens
que te fustigam a alma.

Ungirei a tua fronte
Com azeite de oliveira
Com vinho côr de cereja
te devolverei as côres
que perdeste na batalha
e com frutos vindos de Africa
ficarás forte e tranquilo.

Na aurora que se avizinha
no horizonte do mar
verás os peixes de prata
que o rio hão-de subir
para tingir êsse sangue
e parar tua amargura.

Terás então para onde ir
trabalhando em teu favor
com as forças que te sobrem.
Da longa espera nocturna
verás belas madrugadas
os campos cheios de trigo
e arvores com muitos frutos.

Teus filhos que serão homens
terão orgulho de ti
e não voltarei a ver
o vazio dos seus olhos.

Quando tudo fôr cinzas,
Reviverá em mim a esperança
do dia alcançado
Da promessa Divina.

Repicarão os sinos da glória;
E o sol a pino,
Iluminará os puros
E os perversos do último dia.

O Universo será cheio de vida,
Reconstruindo a morte
No espaço negativo da existência.

Seremos então mais fortes
Plenos de consciência.

ARQUIVO L. LARA

AC-01
3531